



## IMAGINAÇÃO EDIFICANTE – O MODELO DE JESUS NO USO DE ILUSTRAÇÕES PARA UMA PREGAÇÃO EFICAZ

### Uplifting Imagination - Jesus's guideline on how to use illustrations for a efficient sermon

Charles Bronson Aquino do Nascimento\*



\* Licenciado em História pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e mestrando em Exposição Bíblica pelo Seminário Batista Logos (SP).

**Contato:**

Charles.nascimento@yahoo.com

**Recebido em:** 09/10/2020

**Aprovado em:** 27/11/2020

**RESUMO:**

O uso de ilustrações é uma temática de relevância atestada pela própria Bíblia devido à ênfase que os autores bíblicos dão ao uso desse precioso recurso comunicativo. Tal eficácia é também reconhecida por pesquisas e autores das áreas de hermenêutica e homilética, que apontam o valor das imagens de palavras para a mensagem expositiva das Escrituras, porque treina o pregador na arte de pensar em analogias para comunicar com eficácia o conteúdo do texto bíblico. O presente artigo analisa a relação existente entre pregação, ilustração e imaginação, tendo como objeto de pesquisa o modelo de Jesus no uso de ilustrações.

**Palavras-chave:** Homilética; Ilustrações; Imaginação; Sermões de Jesus.

**ABSTRACT:**

The use of illustrations in an important topic confirmed by the Bible itself given the emphasis which the Biblical authors attest about this precious social resource. It's efficacy is also recognized by authors and scholars of Hermeneutics and Homiletics that point out the value of pictures in words for expository sermons of the Scriptures, because it trains the preacher to communicate with efficacy the content of the Biblical text. This paper analyses the relation between the sermon, illustration and imagination, having as objective of the research the guideline of Jesus in the use of illustrations.

**Key-words:** Homiletics; Illustrations; Imagination; Jesus's sermons.

## **INTRODUÇÃO**

Frequentemente, Jesus esteve presente e ativo nas mais diversas situações de ensino e pregação. Falou para multidões, bem como em conversas pessoais; ensinou em sinagogas, mas também ao ar livre, em regiões montanhosas e várias aldeias; pregou perante religiosos letrados e também falou à pescadores e pastores de ovelhas, tidos como leigos; ensinou aos discípulos durante tempestades, pescarias, momentos de oração, respondendo perguntas, confrontando-os com perguntas etc. Do início ao fim do seu curto ministério de três anos, percorria Jesus “todas as cidades e povoados, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do reino e curando toda sorte de doenças e enfermidades” (Mt 9:35).

Nesses variados contextos, Jesus usou alguns métodos de ensino, dentre eles, o recurso das palavras que evocam imagens mentais, ou seja, o recurso da ilustração. Como Jesus ilustrou o seu ensino e pregação? Que tipo de imagens usou como analogias, de onde obteve tais figuras e que tipo de função elas tiveram em sua oratória? Como seriam nossas pregações e aulas bíblicas se seguíssemos o modelo de Jesus no seu estilo de instrução e (em particular) no uso de ilustrações?

Para tal pesquisa, foi realizada uma análise bibliográfica sobre o tema proposto, seguindo a fundamentação de estudiosos referência nessa temática de forma mais geral, como: Horne (1920), Wiersbe (1997) e Spurgeon (2004). Assim como pesquisadores que abordaram o assunto de maneira mais específica, em publicações recentes, tais como: Hughes (2014), MacArthur (2016) e Cook (2016).

Apresentamos respostas para as questões anteriormente levantas, abordando três tópicos principais, a saber, a relação ilustração-imaginação, uma amostra do uso bíblico do recurso ilustrativo e uma análise mais específica das figuras de linguagem usadas por Jesus.

## **1 - ILUSTRAÇÃO E IMAGINAÇÃO NO SERMÃO BÍBLICO**

Ilustrar significa iluminar ou tornar claro. Através da ilustração, verdades abstratas são apresentadas de maneira concreta, e portanto, mais facilmente compreendidas. Ao ilustrar, fazemos o que diz um provérbio oriental: “transformar os ouvidos em olhos para que as pessoas possam ver a verdade”.

A ilustração apropriada e devidamente usada, transmite imagens vivas dos conceitos que estão sendo comunicados verbalmente. C.H. Spurgeon (2004) considerava que as ilustrações são para os sermões, o que as janelas são para um edifício, de tal maneira que ao ilustrar, o pregador areja a mente do ouvinte e a ilumina, deixando entrar as melhores luzes que tornam o ambiente da pregação o mais favorável possível para a transmissão e compreensão das verdades bíblicas.

Bryan Chapell afirma que a mente anseia e precisa do concreto para ancorar o abstrato, e então, diz que as ilustrações são,

...histórias de “situações de vida”, dentro de sermões cujos detalhes (explicitamente contados ou imaginativamente evocados) permitem que os ouvintes se identifiquem com uma experiência que elabora, desenvolve e explica princípios bíblicos. Através dos detalhes da história, o ouvinte é capaz de, imaginativamente, entrar em uma experiência na qual uma verdade sermônica pode ser observada. (CHAPELL, 2001, p. 12)

Distinguindo ilustrações de “alusão ou exemplo” (ainda que, segundo o próprio Bryan, tais categorias não possam ser estritamente diferenciadas), ele prossegue:

Tanto na alusão quanto no exemplo, o orador se refere a um relato, ao passo que, numa ilustração, o pregador convida o ouvinte para a experiência. Os detalhes vívidos dão corpo à ilustração de tal maneira que o ouvinte pode entrar vicariamente no mundo narrativo da ilustração [...] Em um exemplo, o pregador diz: “Eu observei...”. Em uma alusão, o pregador diz: “Isso me lembra...”. Com uma ilustração, o pregador diz: “Eu vou levar você até lá!”. (CHAPELL, 2001, p. 12)

No seu livro *The art of sermon illustration [A arte de usar ilustração no sermão, tradução livre]*, Harry Jeffs (1860, p. 25) diz que “o pregador que está interessado em inculcar as verdades espirituais nas mentes das pessoas, cujas mentes são continuamente ocupados com interesses materiais, vai sentir a contínua necessidade de traduzir o espiritual nos termos do material, e isso significa ilustração”.

Entretanto, afirmar que as ilustrações auxiliam o intelecto, não significa que elas sejam meramente uma muleta cognitiva. Ilustrações são mais do que um complemento à boa exposição; elas são uma forma necessária de exposição na qual as verdades bíblicas são explicadas às emoções e à vontade, bem como ao intelecto.

A ilustração pode tomar várias formas (parábola, símiles, analogia, alegoria, acontecimento histórico, metáfora etc). Esse precioso recurso da linguagem humana

sempre recorre a dados que servem como elementos de comparação, cujas imagens visualizadas pela imaginação reforçam a transmissão do conceito abstrato que está sendo ensinado. Assim, ao ilustrar nunca partimos do vácuo. Em outras palavras, o *ex nihilo* não faz parte da imaginação humana.

Falar do uso de ilustrações na pregação também é discorrer sobre o lugar da imaginação no processo homilético. O pregador das Escrituras deve estar ciente que a mente humana trabalha gerando imagens porque elas nos ajudam a ver e a compreender o mundo à nossa volta.

Warren W. Wiersbe nos dá uma excelente definição de imaginação, ao descrevê-la como “a faculdade da criação de imagens em sua mente, a galeria de imagens que você está constantemente pintando, esculpindo, projetando e às vezes apagando” (1997, p.25).

De acordo com esse autor, três razões devem ser levadas em conta: i) Precisamos de imaginação para estudar a Bíblia com precisão e ser capaz de entrar em sua mensagem; ii) Também precisamos de imaginação para construir uma ponte entre esse Livro antigo e as necessidades das pessoas hoje; iii) Saiba que muitas das pessoas que frequentam a igreja têm imaginações famintas de figuras bíblicas, por uma razão ou outra, e elas nunca podem ter uma imaginação saudável a menos que os pastores lhe deem uma dieta bíblica.

John Piper acrescenta,

A imaginação acontece quando a mente vai além da observação, análise e organização do que está lá, e imagina o que não é visto, mas pode estar lá – e pode explicar o que vemos (como no caso da maioria das pesquisas científicas). A imaginação também acontece quando a mente imagina uma nova maneira de retratar o que já está lá - como no caso da escrita criativa, da música e da arte. (2019)

Apesar dessa relevância, Wiersbe critica o fato de que pouquíssimos livros atuais escritos sobre hermenêutica e exegese mencionam a imaginação. Eles explicam como abordar a figura de linguagem figurada da Bíblia e como lidar com tipos e símbolos, mas eles não conseguem explicar a importância que a imaginação desempenha em juntar tudo para que possamos ver o que o escritor bíblico está dizendo.

Ao preparar uma mensagem, precisamos de dois tipos diferentes de linhas: a análise homilética/hermenêutica e a poética/síntese imaginativa. O primeiro é "cérebro esquerdo" e informação, acompanhando de perto o desenvolvimento da passagem; enquanto o segundo é "cérebro direito" e intuitivo, organizando verdades espirituais de formas imaginativas [...] Um sermão bíblico é uma

forma de comunicação humana verbal que envolve a explicação organizada e aplicação bíblica da verdade, apresentada de uma forma que é racional, imaginativa e fiel ao texto. A mente gosta de agarrar a verdade apresentada racionalmente e o coração gosta de responder à verdade apresentada imaginativamente. (WIERSBE, 1997, p. 227 e 306)

Porém, nem todos os usos da imaginação são adequados para o cristão. Alguns são exatamente o oposto. John Piper exemplifica tal uso, comentando Provérbios 26.13 ao 16, onde Salomão caracteriza o perfil de alguém preguiçoso.

A imaginação do preguiçoso está em pleno andamento no versículo 13. Ele inventa, por sua própria cabeça maravilhosamente imaginativa, uma situação inexistente para justificar sua preguiça de se levantar e ir trabalhar: “Há um leão nas ruas”! Ele não quer sair. Então sua imaginação entra em ação e cria uma situação na qual ele não pode sair. Isso é enganoso. Ele está usando sua imaginação para mentir [...] Esse caso é uma demonstração de como o pecado sequestrou a imaginação e a tornou serva da auto ilusão. (PIPER, 2019, p.9)

Com essa ênfase na relevância das ilustrações na pregação, não estamos fazendo apologia ao desprezo pelo conhecimento abstrato/conceitual da doutrina das Escrituras. O “sal da parábola”, não substitui “a carne da doutrina”. No entanto, ressaltamos o valor desse “sal”, para que o sabor da “carne” seja melhor apreciado. Entendemos que na ordem “quer comais, quer bebais ou façais outra coisa qualquer, fazei tudo para a glória de Deus” (I Co 10.31), nesse *fazei tudo*, certamente está incluso a imaginação, essa dádiva de Deus aos homens. O Senhor espera que a usemos para Seu louvor.

Como o Dr. Martin Lloyd-Jones, no seu livro *Pregação e Pregadores*, adverte, existe uma maneira de usar a imaginação na pregação, que não passa de uma arte do engodo, porque dá excessiva atenção e se preocupa muito em encantar o povo, fazendo as histórias e ilustrações se tornarem uma finalidade em si mesmas. “A ilustração tem o desígnio de ilustrar a verdade, e não de revelar a si mesma, nem de chamar a atenção para si mesma” (1995, p. 219).

## **2 - ILUSTRAÇÃO E IMAGINAÇÃO NOS ESCRITOS DOS AUTORES BÍBLICOS**

Os autores bíblicos são modelos inspiradores do uso de ilustrações. As Escrituras estão repletas de termos e expressões que conectam o conceito abstrato à uma imagem concreta na mente do ouvinte. “A Bíblia pode ser o livro de prosa mais imaginativo do

mundo. Não porque crie uma realidade que não existe, mas porque coloca essa realidade em tantas expressões surpreendentes”, diz John Piper (2019, p. 10).

Ao comentar o fato de que a Bíblia contém centenas de figuras de linguagem, Dr. Roy Zuck (1994) cita a pesquisa de E.W. Bullinger que agrupou as figuras de linguagem da Bíblia em mais de 200 categorias e forneceu 8.000 exemplos bíblicos, sendo que o sumário ocupou 28 páginas para relacionar as categorias.

O professor Richard Mayhue (2018) diz que deve ser uma motivação compelidora a mais para andarmos nestes passos. Por exemplo, nós nos deliciamos no imaginário e ilustrações empregadas pelos profetas do Antigo Testamento, em passagens como Isaías 20, Amós 5 e Ezequiel 1 [...] O livro de Apocalipse se torna inesquecível por conta das inúmeras ilustrações e imaginário do Antigo Testamento.

Nos cinco primeiros livros ou Pentateuco, o grande evento histórico e teológico sempre lembrado nesse trecho da Bíblia é uma memória de que o “Senhor nos tirou do Egito com mão forte, e com braço estendido” (Dt 26.8a). Judá e sua linhagem é representada pela metáfora, “Judá é leãozinho; da presa subsiste, filho meu” (Gn 49.9).

Os livros do gênero narrativo ou chamados livros históricos trazem notáveis usos de ilustração como meio de ensino. No livro de Juízes (9.7-15), lemos que Jotão repreendeu Abimeleque contando uma parábola marcante. A confissão de Davi a respeito do seu adultério, como nos conta II Samuel 12, se deu quando o profeta Natã, usado por Deus para confrontar o rei em pecado, faz uso de uma parábola que descreve uma “cidade, dois homens, um rico e um pobre”, e a atitude reprovável do rico em ter tomado a única cordeirinha do homem pobre para servir de alimento para um viajante que viera ao rico.

A parábola contada por Natã, mexeu com as afeições e vontade de Davi (“o furor de Davi se ascendeu sobremaneira contra aquele homem e disse a Natã... – II Sm 12.5), que prontamente apontou a injustiça e decretou a punição ao rico e a devida restituição ao pobre. Nesse momento, Natã aplica a parábola ao próprio Davi na condição de pecador perante Deus.

O uso de imagem figurada na poesia bíblica é particularmente rico (tais como o célebre Salmo 1, no qual o justo é comparado com “a árvore plantada junto às correntes de água, que no devido tempo dá o seu fruto, e cuja folhagem não murcha” e o ímpio se

assemelha à “palha que o vento dispersa”). Tais símiles são encontradas em abundância ao longo dos livros poéticos que compõem as Escrituras.

Na literatura bíblica sapiencial ou de sabedoria (Jó, Provérbios e Eclesiastes), o próprio conceito central nesse trecho das Escrituras, a sabedoria, é ilustrado com o poder comunicativo da personificação do conceito (“Não clama, porventura a Sabedoria, e o Entendimento não faz ouvir a sua voz? [...] Eu, a Sabedoria, habito com a prudência e disponho de conhecimentos e de conselhos” – Pv 8.1,12).

Ao longo dos provérbios de Salomão, vários ensinamentos são transmitidos com figuras de linguagem: “Águas profundas são as palavras da boca do homem, e a fonte da sabedoria, ribeiros transbordantes” (18.4); “Torre forte é o nome do Senhor” (18.10a); “Como o bramido do leão, assim é a indignação do rei; mas seu favor é como o orvalho sobre a erva” (19.12).

As declarações proféticas vindas de Deus eram apresentadas frequentemente de forma figurada, falando ao coração e mais facilmente gravadas na memória. Considere a “parábola da vinha má” ou “canção do vinhedo”, contada pelo profeta Isaías (Is 5.1-7). A nação de Israel é descrita como uma vinha cultivada pelo Senhor que, apesar de todo o esforço do dono, a vinha só produziu uvas bravas, e o dono decidiu destruí-la. Era uma mensagem profética sobre o castigo dos descendentes de Abraão, cumprida quando Deus trouxe uma nação pagã contra seu povo escolhido para destruir quase toda a casa de Israel.

Somente no livro do profeta Jeremias, a mensagem a respeito do juízo de Deus, é comunicada usando vinte e uma ilustrações diferentes. Ezequiel retrata o castigo de Deus como uma máquina de guerra, que se movimenta rumo ao lugar que é alvo da sentença divina (Ez 1.15-25); Daniel registrou e interpretou a estátua descrita no capítulo 2 (do sonho de Nabucodonosor), cujas partes representavam cinco impérios em sucessão (a Babilônia, o Medo-Persa, a Grécia, Roma e a Roma revivificada) que dominariam sobre Israel, e a visão que o próprio profeta teve, desses mesmos impérios, agora representados por grandes animais no capítulo 7.

Imagine o impacto da afirmação de Oséias: “Como vaca rebelde se rebelou Israel...” (Os 4.16); ou, o senso de perigo e gravidade com as palavras de Amós, comparando o Dia do Senhor, “como se um homem fugisse de diante do leão, e se encontrasse com ele o urso; ou como se, entrando em casa, encostando mão à parede,



fosse mordido de uma cobra. Não será, pois, o Dia do Senhor trevas e não luz?” (Am 5.19-20).

Na profecia escrita por Miquéias, Deus demonstra sua tristeza pela corrupção moral de Israel, declarando: “Ai de mim! Porque estou como quando são colhidas as frutas do verão, como os rabiscos da vindima: não há cacho de uvas para chupar, nem figos temporãos que a minha alma deseja. Pereceu da terra o piedoso, e não há entre os homens um que seja reto...” (Mq 7.1-2b). Em Habacuque, Deus detalha o poderio militar dos caldeus, em termos como: “os seus cavalos são mais ligeiros que os leopardos, mais ferozes do que os lobos ao anoitecer são os seus cavaleiros que se espalham por toda parte; sim, os seus cavaleiros chegam de longe, voam como águia que se precipita a devorar” (Hb 1.8).

Sofonias fala da indignação do Senhor ao ver a infidelidade dos líderes políticos e religiosos de Jerusalém, com analogias: “Os seus príncipes são leões rugidores no meio dela, os seus juízes são lobos do cair da noite, que não deixam os ossos para serem roídos no dia seguinte” (Sf 3.3). A voz do profeta Ageu denuncia a maneira indiferente como estão tratando as coisas do Senhor, e ao agirem de forma egoísta, o esforço deles não prosperava. Note a figuras vívida usadas pelo profeta: “Tendes semeado muito e recolhido pouco... e o que recebe salário, recebe-o para pô-lo num saquitel furado” (Ag 1.6).

Por todo o Antigo Testamento as ilustrações também são comumente usadas para descrever Deus. Ele é retratado como um rei empossado, um pastor de ovelhas, um guerreiro em batalha, um pai, uma rocha, um poço refrescante etc.

Assim, percebe-se o que Harry Jeffs comenta:

O exemplo dos escritores da Bíblia tem muito a ensinar para os pregadores de hoje acerca da arte da ilustração. Os orientais em todas as idades têm sido amantes de histórias e poesia, e seus professores religiosos usam bastante de histórias como veículos de instrução e inspiração. Os escritores do Antigo Testamento, especialmente, eram homens intensamente impressionáveis, de uma vívida imaginação, e muito do seu ensino é dado em formas imaginativas — isto é, na forma de ilustração. (HARRY, 1860, p. 44)

Quando olhamos para o Novo Testamento com as lentes da linguagem figurativa, enxergamos outras muitas ilustrações. Nos Evangelhos, Jesus, que “sem parábolas nada lhes dizia” (Mt 13.34) cativou a atenção de seus ouvintes com muitas ilustrações. Os seus sermões atestam que Ele era um grande (porque não dizer o principal) exemplo na Bíblia



do uso de ilustrações na pregação. O cerne desse trabalho é Jesus como modelo para o uso de ilustrações na pregação eficaz, por isso, esse tópico ocupará integralmente o capítulo três. Por hora, basta mencionar um dado que o Dr. Randy Cook aponta, a saber que, “no Sermão do Monte sozinho, há mais de cinquenta metáforas” (COOK, 2016, p. 55).

Nas epístolas neotestamentárias, saltam aos olhos a forma pictórica como Paulo descreveu várias experiências da vida cristã (a necessidade da “armadura de Deus”; de “correr como bom atleta”; de “combater o bom combate”; de se “despojar e se revestir”); Pedro descreve as difíceis experiências do cristão fiel, como algo que valoriza a fé e a torna “mais preciosa do que o ouro perecível, mesmo apurado por fogo” (I Pe 1.7). Quanto ao último livro do cânon bíblico, retire as imagens contidas ao longo do texto de Apocalipse e veja o que restaria.

### **3 - ILUSTRAÇÃO E IMAGINAÇÃO NOS SERMÕES DE JESUS**

“O método de ensino de Jesus é uma mina descoberta e vigiada, mas não trabalhada”, disse Herman H. Horne (1920, p. 25). Ao caminhar pela mina que é o método de ensino de Jesus, é possível contemplar a preciosidade das imagens verbais que ele utilizou, ao pregar e ensinar com analogias. Os sermões de Jesus Cristo nos Evangelhos atestam que ele era um (porque não dizer o principal) exemplo na Bíblia do uso de ilustrações na pregação. A seguir, descrevemos alguns tesouros homiléticos das ilustrações desse Mestre do ensino, o Senhor Jesus Cristo.

#### **3.1 - “E nada lhes falava sem parábolas”**

Existem mais ou menos quarenta parábolas usadas por Jesus incluídas no relato dos Evangelhos (o número exato depende do método de contagem). No mínimo um terço do ensinamento de nosso Senhor, como registrado nos evangelhos sinóticos, se deu por meio de parábolas.

Uma parábola é uma figura de linguagem ilustrativa para fins de comparação e, especialmente, com o propósito de ensinar uma lição espiritual. Ela pode recorrer a metáforas, comparações, provérbios ou qualquer outro tipo de imagem verbal. John

MacArthur definiu as parábolas de Jesus “como metáforas engenhosamente simples que transmitiam lições espirituais profundas” (2016, p. 16).

Um distintivo importante das parábolas de Jesus é que elas nunca apresentam elementos mitológicos ou fantásticos. As parábolas de Jesus são ilustrações realistas e críveis. O fato de que a palavra grega *parabole*, traduzida em Mateus 13.35 por parábola, é a tradução da LXX faz do vocábulo hebraico *mashal* (que significa, “um dito difícil ou enigmático”), corrobora a ideia de que neste uso de Mateus a palavra não significa “uma simples ilustração”, diz R.V.G. Tasker (2007, p. 111).

De acordo com Randy Cook, ao usar metáforas Jesus andou nos passos de uma longa lista de antigos mestres judeus. O pesquisador se refere ao *Mashal* e explica:

O *mashal* era uma ferramenta mnemônica de ensino favorita que incluía vários tipos de imagens de palavras verbais, de provérbios a parábolas e poemas. A palavra é traduzida de várias formas na Bíblia no New American Standard Bible (Novo Padrão Americano), como 'provérbio' (e.g. Pv. 1:6), 'parábola' (Sl. 78:2), 'sinônimo' (Sl. 44:14), 'provocação' (Mq. 2:4), e 'discurso' (Jó 29:1). As traduções para o inglês também empregam 'alegoria' e 'enigma' para traduzir *mashal*. (COOK, 2016, p. 52)

Contudo, nem sempre Jesus falou usando parábolas. Como então entender a frase dita tanto por Mateus (13.34), quanto por Marcos (4.34): “Não lhes dizia nada sem usar alguma parábola”? Trata-se de uma descrição do estilo de ensinamento público de Jesus durante o último ano de seu ministério público. É uma referência à mudança intencional no estilo de instrução, que ocorreu praticamente no mesmo tempo em que o ministério de Jesus na Galileia entrou em sua fase final.

A maneira como Jesus elaborou e contou parábolas, não encontra paralelo na literatura. Simon Kistemaker descreve um exemplo de parábola usada pelos rabinos dos dois primeiros séculos da era cristã:

Uma parábola: A que se assemelha? A um homem que estava viajando pela estrada, quando encontrou um lobo. Conseguiu escapar dele e seguiu adiante, relatando aos outros seu encontro com o lobo. Então, ele encontrou um leão e escapou dele; e seguiu adiante, contando a todos o encontro com o leão. A seguir, ele encontrou uma cobra e escapou dela. Após esse acontecimento, ele se esqueceu dos dois anteriores e prosseguiu contando o caso da cobra. Assim também é Israel: as últimas dificuldades o fazem esquecer as primeiras. (KISTEMAKER, 1992, p. 18)

O que tornava as parábolas de Jesus singulares quando comparadas àquelas usadas pelos rabinos de sua época era que, as parábolas dos rabinos, normalmente, apresentavam explicações, esclarecendo a Lei ou uma doutrina, mas não ensinavam novas verdades, como Jesus o fez através de suas parábolas. Assim, é salutar perceber que as parábolas de Jesus têm a natureza de revelação de Deus, enquanto as dos rabinos, não.

Por que Jesus contou parábolas? Duas compreensões a serem evitadas quanto ao porque Jesus usou parábolas: 1) Que Jesus usou as parábolas unicamente para tornar os ensinamentos mais fáceis, acessíveis e agradáveis e 2) Que foram usadas para demonstrar que a narrativa é um método mais ideal para ensinar verdades espirituais do que o discurso formal por sermões.

Em Mateus 13.10 ao 17, ao ser questionado pelos discípulos, o próprio Jesus explicou por que falou através de parábolas. Em síntese, de acordo com esse texto bíblico, as parábolas de Jesus tinham um propósito duplo:

*elas escondiam a verdade das pessoas satisfeitas consigo mesmas, que se consideravam sofisticadas demais para aprender algo dele, enquanto a mesma parábola revelava a verdade às almas ansiosas que tinham a fé de uma criança – àquelas pessoas que tinham fome e sede de justiça. (MACARTHUR, 2016, p.16, grifo meu)*

Nesse sentido, percebe-se que Jesus não usou parábolas como simples "ilustração", no sentido mais literal do vocábulo (lançar luz). Isso porque, para os que "tinham ouvidos para ouvir", suas parábolas ilustravam e esclareciam verdades espirituais cruciais; entretanto, para os que se negavam a crer, elas tinham o efeito contrário, pois ocultava a verdade.

### 3.2 - Aos pés do Mestre, para aprender a usar ilustrações

No livro *Jesus - The Master Teacher*, Herman H. Horne (1920, p. 134) estudou o método de ensino e pregação do Senhor Jesus, conforme registrado nos Evangelhos, e disse que "nossos métodos de educação moral e religiosa não serão aperfeiçoados até que tenhamos nos sentado aos pés do Mestre Jesus".

Uma parte considerável do ensino de Jesus (incluindo a instrução sobre doutrinas fundamentais da fé cristã) foi proclamado com proposições acompanhadas por

ilustrações. Sobre o dever de orar (“Pedi, e dar-se-vos-á; buscai e achareis; batei, e abri-se-vos-á”, Mt 7.7); acerca da necessidade da salvação (“Os sãos não precisam de médicos, e sim os doentes”, Mt 9.12); a relação entre a velha e a nova aliança (“...remendo de pano novo em veste velha... vinho novo em odres velhos”, Mt 9.16-17); a respeito do custo do discipulado (“...tome a sua cruz e siga-me”, Mt 16.24).

Na seção final do Sermão do Monte temos o que podemos chamar de aplicação geral, onde o Mestre recorre as imagens da “porta estreita” e da “porta larga” (Mt 7.13-14) descrevendo os dois caminhos oferecidos à todos os ouvintes e a analogia sobre os que obedecem – “o que edificou a sua casa sobre a rocha” (Mt 7.24) e a respeito dos que ouvem, mas não põem em prática – “um homem insensato que edificou a sua casa sobre a areia” (Mt 7.26).

Estes e muitos outros exemplos, evidenciam como o Mestre Jesus ensinava pintando quadros mentais, isto é, falava com palavras que desenhavam nas mentes dos ouvintes imagens que representavam o que estava dizendo.

Os sermões de Jesus atestam que ele era um mestre no uso de imagens com palavras. Do seu ensino e pregação é possível aprender com suas imagens da graça. Elas são pérolas homiléticas de grande valor para o ministério dos que proclamam a preciosa Palavra de Deus. Jesus usou símiles, metáforas, epigramas, parábolas, paradoxos, dentre recursos da linguagem que exploram com eficácia a imaginação dos ouvintes. Com frequência ele fez uso de objetos e experiências do dia a dia como fontes de analogias das coisas da terra com as coisas do céu.

Assim, com suas ilustrações, ele transformava os ouvidos de seus ouvintes em olhos para que eles pudessem ver a verdade. “O nosso Salvador, que é a luz do mundo, tinha o cuidado de encher de comparações os seus discursos. O seu exemplo sela com autoridade de alto nível a prática de iluminar a instrução celestial com analogias e comparações”, escreveu Charles H. Spurgeon (2004, p. 7).

Vejamos alguns exemplos das figuras de linguagem que ele escolheu usar nas suas mensagens. Fiquemos aos pés do Mestre e aprendamos a usar ilustrações para uma pregação eficaz.

### **3.2.1 Verdades ilustradas com símiles**

O símile consiste em uma comparação formal entre dois objetos ou ações, que não estão materialmente relacionados entre si, normalmente precedido por uma conjugação de comparação, com vista a impressionar a mente com algo concreto, parecido ou semelhante.

É uma figura de linguagem muito próxima da parábola, inclusive, alguns estudiosos entendem a parábola como um símile ampliado. O uso dos conectivos (quanto, como, tal qual, assim como etc.) é o que difere essa figura de linguagem de outros recursos que possuem função comparativa, tais como a analogia e a metáfora.

Mateus 23.37 registra um dos usos que Jesus fez de símiles. Era o final do seu sermão no qual censurava os escribas e fariseus por causa do legalismo deles e uso da autoridade de mestres tendo acrescentado tradição humana à Palavra de Deus. Após várias advertências que começavam com a expressão “Ai de vós”, Jesus conclui dizendo: “Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te foram enviados! Quantas vezes quis eu reunir os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintinhos debaixo das asas, e vós não o quisestes!”.

Nesse trecho o Mestre descreveu tanto sua divina compaixão, quanto a rebeldia da nação israelita. Ao usar esse símile, comparando seu cuidado compassivo à imagem universalmente conhecida de uma galinha carinhosamente protegendo os seus pintinhos, Jesus apoiou os conceitos abstratos com uma experiência concreta do mundo animal, estimulando a imaginação dos ouvintes.

Alguns outros símiles usados por Jesus: a expansão do reino de Deus comparada a um homem semeando a terra e o processo da semente à germinar (Mc 4.26-29) ou ao fermento levedando a massa (Mt 13.33); o comportamento reprovável da indiferença dos religiosos judeus à sua mensagem, tal qual aos de crianças numa praça indiferentes seja à música alegre da flauta ou ao cântico de lamentação (Mt 11.16-19); o perigo de ser enviado como discípulo de Cristo nesse mundo mal – “Ide! Eis que eu vos envio como cordeiros para o meio de lobos” (Lc 10.3) etc.

### **3.2.2 Verdades ilustradas com paradoxos**

Argumentando a um amigo cético que o conceito do Deus triúno não era contraditório, mas sim, paradoxal, R.C. Sproul (2017, p.55) explica: “a raiz da palavra *paradoxo* vem da palavra grega ‘dokeō’, que significa ‘parecer’, ‘pensar’ ou ‘aparecer’. Portanto, a palavra paradoxo se refere a algo que, colocado ao lado de outra coisa, parece ser contraditório até que um exame minucioso revela que não é”.

Os paradoxos podem ser retóricos ou lógicos. Um paradoxo retórico é uma figura de linguagem usada para derramar luz sobre um tópico, desafiando a razão de outra pessoa, dando-lhe um susto. Foi desse último tipo que Jesus utilizou no seu ensino e pregação.

Advertindo uma multidão e os discípulos, falando de quão custoso é o ser seu discípulo, Jesus usou uma frase paradoxal quando afirmou “Quem quiser, pois, salvar a sua vida perdê-la-á; e quem perder a vida por causa de mim e do evangelho salvá-la-á” (Mc 8.35). Paradoxo semelhante à essas palavras, também proferidas por Jesus, foi registrado por João: “Quem ama a sua vida perde-a; mas aquele que odeia a sua vida neste mundo preservá-la-á para a vida eterna” (Jo 12.25).

G.K. Chesterton, expoente apologista cristão do século XX, mundialmente conhecido como o “mestre das metáforas”, em sua obra *Ortodoxia*, no capítulo seis, intitulado “Paradoxos do cristianismo”, comentando esses versículos bíblicos acima, afirma:

A coragem é quase uma contradição em termos. Significa um forte desejo de viver que toma a forma de uma disposição para morrer. ‘Quem perder a sua vida, salvá-la-á’, não é um fragmento de misticismo para santos e heróis. É um fragmento de orientação para o dia-a-dia de navegantes e alpinistas... Nesse paradoxo está todo o princípio da coragem. (CHESTERTON, 2008, p. 154)

### **3.2.3 Verdades ilustradas com metáforas**

A metáfora é uma comparação em que um elemento é, imita ou representa outro (sendo que os dois são essencialmente diferentes). Numa metáfora, a comparação está implícita, já num símile tal comparação é explícita. Duas das mais familiares metáforas usadas por Jesus estão no seu célebre Sermão do Monte quando ele afirma aos seus discípulos: “Vós sois o sal da terra” (Mateus 5:13) e “Vós sois a luz do mundo” (Mateus

5.14). Inclusive, somente nesse que é um dos mais conhecidos sermões de Jesus, há mais de cinquenta metáforas.

Usando metáforas Jesus falou duramente a respeito de seus opositores. De Herodes, que planejava matá-lo, Jesus disse: “Ide dizer a essa raposa” (Lc 13.32); e dos escribas e fariseus, referiu-se aos tais como “serpentes, raça de víboras!” (Mt 23.33). No evangelho segundo João temos uma lista de metáforas que Cristo usou para ensinar a respeito de sua própria Pessoa e obra. São sete declarações “Eu sou”, acompanhadas da linguagem metafórica: “...a pão da vida” (6.35); “...a luz do mundo” (8.12); “...a porta das ovelhas” (10.7); “...o bom pastor” (10.11); “...a ressurreição e a vida” (11.25); “...o caminho” (14.6); “...a videira verdadeira” (15.1).

As metáforas de Jesus mesclam simplicidade na forma e profundidade no conteúdo. Com estas figuras, geralmente retiradas do ambiente agropastoril, do dia a dia das famílias ou de experiências comuns do povo da sua época e muitas delas universalmente conhecidas, a pregação do Senhor falava (e ainda fala) eficazmente à mente, vontade e imaginação dos ouvintes.

### 3.2.4 Verdades ilustradas com provérbios ou axiomas

Os provérbios são declarações (ou ilustrações) morais simples que destacam e ensinam verdades fundamentais da vida. Possuem um grande potencial de comunicação ao relacionar ou comparar imagens ou atitudes comuns e concretas da vida com princípios ou lições abstratas.

O axioma é o artifício oratório de declarar algo que por si só “já diz tudo”, ou é tão evidente que não precisa ser demonstrado.

Jesus usou um provérbio quando declarou aos de Nazaré: “Não há profeta sem honra, senão na sua terra e na sua casa” (Mt 13.57). Outros provérbios e/ou axiomas de Jesus: “não dê o que é sagrado para os cães; nem lança as vossas pérolas diante dos porcos” (Mt 7:6); “uma árvore é conhecida pelos seus frutos” (Mt 12.33); “se o cego guiar o cego, ambos cairão em uma vala” (Mt 15.14).



### **3.2.5 Verdades ilustradas com hipérboles**

Hipérbole é um recurso linguístico para afirmar de forma exagerada com a finalidade de enfatizar o que se está dizendo. Jesus usou algumas hipérboles quando advertiu: “Se teu olho direito te faz tropeçar, arranca-o e lança-o de ti...” (Mt 5.29) e “Por que vês tu o argueiro no olho de teu irmão, porém não reparas na trave que está no teu próximo?” (Mt 7.3); Falando sobre a hipocrisia dos fariseus: “Guias cegos, que coais o mosquito e engolis o camelo!” (Mt 23.24). A forma inesquecível como Jesus descreveu o cuidado de Deus para com os seus: “Nenhum cabelo de vossa cabeça perecerá de modo algum.” (Lc 21.18).

### **3.2.6 Verdades ilustradas com histórias**

Quando Jesus recorreu a imagens verbais, o uso de parábola foi o seu método predileto de ensino. Já dedicamos um trecho neste capítulo analisando a presença de parábola no ensino do Senhor. Agora, voltamos ao assunto para destacar o fato de que Jesus usou de histórias (em formato parabólico) como veículo de ensinamento ilustrativo.

“Como devemos imaginar o reino de Deus, ou com que parábola a apresentaremos?” (Marcos 4:30). Esse versículo bíblico mostra que o próprio Jesus tratou com máxima importância o papel da imaginação para compreendermos as coisas a respeito do reino celestial. Seu ensino levava a sério um interesse de que tipo de imagem ou paralelos seriam apropriados para comunicar a Palavra divina. O que se percebe claramente nas histórias contadas por Jesus para ilustrar suas doutrinas é que ele aproveitava o cotidiano de sua época e explorava aspectos particulares daquele dia a dia para ensinar alguma lição espiritual. Assim, suas parábolas também eram um tipo de ilustração da vida.

“Contando parábolas, Jesus desenhava quadros verbais que retratavam o mundo ao seu redor. Ensinando através das parábolas, ele descrevia aquilo que acontecia na vida real. Isto é, ele usava uma história tirada do cotidiano, para, através de um fato já aceito e conhecido, ensinar uma nova lição”, comenta Simon Kistemaker (1992, p. 17).

Outra característica de muitas das parábolas de Jesus é o artifício literário das tríades. Na parábola do amigo que vem bater à porta no meio da noite, há três personagens: o viajante, o amigo e o vizinho. A parábola do filho pródigo fala de três

peessoas: o pai, o filho mais jovem e o irmão mais velho. Na história das dez virgens, são mencionados três elementos: as cinco virgens prudentes, as cinco virgens tolas e o noivo. Aqui, temos um traço marcante do perfil didático de Jesus recorrendo a esta forma (a tríade) que facilitaria a memorização do conteúdo dos seus ensinamentos.

Muitas de suas histórias traziam temáticas da agricultura: a do semeador; da semente germinando secretamente; do trigo e do joio; da figueira estéril; e a da figueira brotando etc. São exemplos das chamadas parábolas naturais.

Outra categoria das histórias de Jesus, diz respeito a associação as coisas relacionadas ao trabalho em si. Algumas delas são a respeito dos trabalhadores da vinha, do arrendatário e do administrador infiel. Há também as que se referem a festividades (as bodas e festas, ou ocasiões solenes), tais como, a parábola das crianças brincando na praça, as dez virgens, a grande ceia e a do banquete das bodas.

Igualmente interessante para os ouvintes foram aquelas histórias que Jesus falava de “achados e perdidos”. Essas incluem as parábolas da ovelha perdida, da moeda perdida e a do filho perdido.

Jesus era um exímio contador de histórias, mas ele nunca contou uma história apenas para entreter as pessoas. Cada uma de suas parábolas transmitia uma mensagem importante. As histórias de Jesus eram notáveis por causa de sua simplicidade e de sua abundância. A preferência de Jesus por técnicas narrativas tem sido percebida e destacada fortemente por praticamente todos os professores competentes na história da Igreja, a começar pelos próprios autores dos Evangelhos, passando pelos mais iminentes Pais da Igreja até cada um dos comentaristas bíblicos protestantes dos últimos quatro séculos. (MACARTHUR, 2016, p. 234-235)

Além desses exemplos listados e comentadas acima, Jesus também ilustrou com:

***Hipocatástase*** – figura que indica comparação em que a semelhança é indicada diretamente. Ex: Jesus diz a Pedro: “Apascenta as minhas ovelhas” (Jo 21.17).

***Metonímia*** – consiste em substituir uma palavra por outra. Jesus disse: “...se uma casa estiver dividida contra si mesma, tal casa não poderá subsistir” (Mc 3.25). A palavra que se refere ao objeto (casa), substitui o termo família, a quem Jesus está se referindo literalmente aqui.

**Sinédoque** – a substituição da parte pelo todo ou do todo pela parte. Falando aos discípulos Jesus lhes disse: “Uma comida tenho para comer, que vós não conheceis” (Jo 4.32).

**Eufemismo** – substituir um vocábulo ou expressão desagradável ou ofensiva por uma suave. Quando Jesus falou sobre o fato de que seu grande amigo Lázaro já estava morto: “... nosso amigo Lázaro adormeceu” (Jo 11.11).

**Oxímoro** – combinação de termos opostos ou contraditórios. Exemplo de Jesus: “Mas muitos que são os primeiros serão os últimos e os últimos, os primeiros” (Mc 10.31).

**Paronomásia** – empregar as mesmas palavras ou palavras de sons semelhantes para produzir sentidos diferentes. Também conhecidos popularmente como “jogo de palavras” ou “trocadilhos. Na famosa declaração ao apóstolo Pedro: “Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja...” (Mt 16.18). O trocadilho ocorre entre as palavras “Pedro” (*Petros*) e “pedra” (*petra*).

Com essa amostra do uso que Jesus fez de ilustração é possível afirmar, em síntese, algumas características de seu ensino e pregação:

- O Mestre usava ilustrações curtas e de simples compreensão;
- O Mestre usava ilustração através de analogias das "coisas da terra";
- O Mestre usava ilustração mencionando elementos universais (tais como, sal e luz);
- O Mestre usava ilustração para instruir, não para entreter os ouvintes;
- O Mestre usava ilustrações que falam ao coração.
- O Mestre usava ilustrações tanto em situações de conversação pessoal (incluindo perguntas e respostas), quanto com públicos maiores.

Por fim, concordamos com uma observação de um experiente professor de homilética, ao dizer que, “Jesus não ignorou ou insultou a inteligência de seus ouvintes, mas Ele não apresentou sua mensagem apenas para a inteligência. Ele alcançou o coração, a intuição e usou a chave de imagens para desbloquear a imaginação e chegar à vontade” (WIERSBE, 1997, p. 167).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nossos dias, há muitos púlpitos pobres da Palavra de Deus porque seus pregadores não se disciplinam para conhecer a riqueza das Escrituras, de modo que, em tais contextos, os cultos estão virando palco de contadores de histórias longas, recitadores de adágios populares e comunicadores que enchem o tempo da pregação com as mais variadas e mirabolantes ilustrações.

Entretanto, nem todo uso de ilustração no sermão realiza esse papel prejudicial. O âmago desta pesquisa foi a análise do perfil da instrução de Jesus contida nos Evangelhos, com ênfase para o uso eficaz do artifício retórico da ilustração. Notamos que nas mais diversas circunstâncias, aos discípulos ou aos opositores, em locais formais ou informais para ensinar, falando a um só ouvinte ou para multidões, reiteradas vezes, Jesus usou figuras de linguagem (símiles, metáforas, paradoxos, hipérbole, provérbios, analogias, parábolas, dentre outras).

Seu vocabulário recorreu frequentemente às palavras pictóricas. Pelo exemplo de Jesus, pregadores e professores da Bíblia são estimulados a acrescentar ao seu zeloso trabalho semanal de exegese e hermenêutica do texto bíblico, o exercício de aprender a pensar em analogias para exercer um ministério que ancora o abstrato no concreto e assim anuncia a vontade de Deus de forma imaginativa.

Ao contrário do que fazem muitos pregadores de hoje, as ilustrações usadas por Jesus transmitiam teologia profunda através de comparações simples, instruíam e confrontavam ao invés de entreter, falavam ao coração sem a manipulação de truques psicológicos e era criativo sem se tornar um fim em si mesmo.

Em suma, expomos aqui um exemplo de como o modelo de Jesus ensinar e pregar, apontam para a importância de anunciarmos as verdades celestiais com representações encontradas em coisas aqui da terra, utilizando figuras de linguagem para comunicar a Palavra viva e eficaz, e que tal exercício é um recurso que deve ser valorizado no processo homilético.

## REFERÊNCIAS

BENTHO, Esdras. **Hermenêutica Fácil e Descomplicada**, CPAD, 2003.

BRUCE, F.F. **O Evangelho de João – introdução e comentário**. SP: Vida Nova, 2007.  
CHESTERTON, Gilbert Keith. **Ortodoxia**. SP: Mundo Cristão, 2008. p. 154.

COLLEMAN, William L. **Manual dos tempos e costumes bíblicos**. MG: Editora Betânia, 1991.

COOK, Randy. **In other words: mastering metaphors for effective preaching**. 2016.

ELWELL, Walter A. **Enciclopédia Histórico-teológica da Igreja Cristã**. SP: Vida Nova, 2009. p. 98.

HALE, Broadus David. **Introdução ao estudo do Novo Testamento**. SP: Hagnos, 2014.

HENDRICKSEN, William. **Comentário do Novo Testamento, exposição do Evangelho de Lucas, Vol. 1**. SP: Cultura Cristã, 2003.

LAWSON, Steven L. **A arte expositiva de João Calvino – um perfil de homens piedosos**. SP: Fiel, 2008.

LLOYD-JONES, Martin. **Pregação e Pregadores**. SP: Fiel, 2008, p. 218.

MACARTHUR, John. **As parábolas de Jesus comentadas por John MacArthur – os mistérios do Reino de Deus revelados nas histórias contadas pelo Salvador**. RJ: Thomas Nelson Brasil, 2016.

MCGRATH, Alister. **Apologética cristã para o século XXI – ciência e arte com integridade**. SP: Editora Vida, 2008, p. 334.

PETERSON, Eugene. **O pastor contemplativo – descobrindo significado em meio ao ativismo**. SP: Mundo Cristão, 2008.

PIPER, John. **Irmãos, nós não somos profissionais – um apelo aos pastores para ter um ministério radical**. SP: Shedd Publicações, 2009.

ROBERTSON, A.T. **Comentário Mateus e Marcos – à luz do Novo Testamento grego**. RJ: CPAD, 2011.

SISTEMAKER, Simon. **As parábolas de Jesus**. SP: Casa Editora Presbiteriana, 1992.

SPROUL, R.C. **Somos todos teólogos – uma introdução à teologia sistemática**. SP: Fiel, 2017. p. 55.

SKARSAUNE, Oskar. **À sombra do Templo – as influências do judaísmo no cristianismo primitivo**. SP: Editora Vida, 2004.

TASKER, R.V.G. **Mateus – introdução e comentário**. SP: Edições Vida Nova, 2007.